



Dia do Campo - avaliação de variedades crioulas. Cruz Machado/PR

A semente que caiu em terra boa: a trajetória de um movimento social em defesa da agrobiodiversidade

José Maria Tardin, André Emílio Jantara,
Rosângela Maria Pinto Moreira, Josué Maldonado Ferreira*

A cir Tullio, agricultor familiar do Faxinal Marmeleiro de Baixo, município de Rebouças-PR, deposita na terra a primeira semente no primeiro ensaio de avaliação de variedades crioulas de milho realizado no Centro-Sul do Paraná. No segundo semestre de 1993, esse gesto demarcou o início de um movimento de resgate cultural que sustenta o amplo processo social que desde então vem se consolidando na região com vistas à reconstrução ecológica da agricultura.

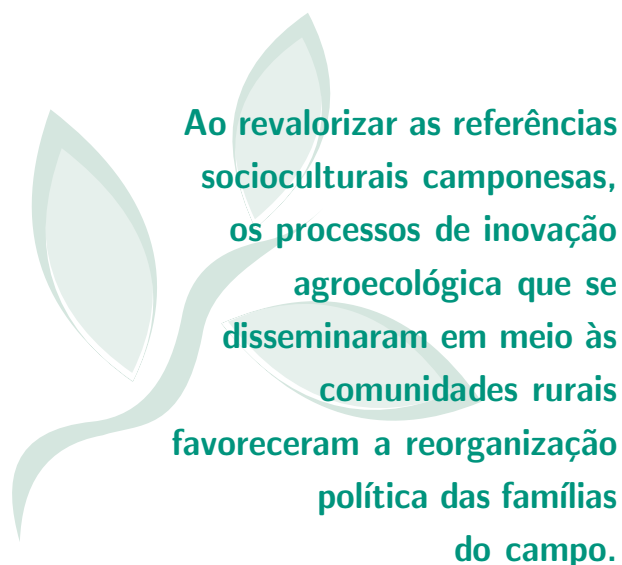
Palco da exuberante floresta de araucária, o Centro-Sul do Paraná foi um dos primeiros espaços ocupados pelos neo-europeus, em uma longa e dolorosa sucessão de conflitos com os povos botocudos, kaingang e guaranis. Já no início do século passado uma nova leva de imigrantes europeus chega para se somar aos caboclos, promovendo um verdadeiro amálgama de referências e práticas agrícolas. Tão extensa e complexa foi a reunião desses elementos, que a rigor se torna impraticável identificar sistemas técnicos puramente caboclos ou puramente europeus empregados nas unidades familiares na região. Talvez seja no plano do manejo da agrobiodiversidade onde melhor se percebam essa miscigenação e diversificação cultural. A assimilação paulatina dessas diferentes influências, sobretudo no que se refere aos hábitos alimentares e às condutas técni-

cas, estimulou práticas de manutenção e de intercâmbio dos recursos genéticos entre as famílias, moldando a estrutura e a composição dos agroecossistemas (Petersen et al, 2002).

No calor do processo de reação política da sociedade brasileira, no início dos anos 80, por iniciativa da Comissão Pastoral da Terra (CPT), as pregações renovadoras da fé cristã no Deus da Vida, formuladas pela teologia da libertação, encontram “terra boa” nos corações e mentes de agricultores e agricultoras da região. Assim, o trabalho da CPT promoveu a emergência de um vigoroso movimento social, que culminou na fundação dos sindicatos de trabalhadores rurais, das associações comunitárias, e de variadas organizações informais.

Os esforços políticos das organizações se voltaram naquele momento para a conquista de direitos previdenciários, a luta pela reforma agrária, a socialização do acesso ao crédito rural, a comercialização da produção agrícola e a compra coletiva de insumos modernos. Naquela conjuntura, ao apostarem na democratização do modelo produtivo da Revolução Verde, as organizações da agricultura familiar tinham como expectativa a melhoria das suas condições de vida e de renda. Em que pese os muitos avanços alcançados, o saldo histórico verificado no início dos anos 90 mostrou a preponderância do empobrecimento, do endividamento, da depauperação dos recursos naturais e do intenso êxodo de jovens e de famílias inteiras para o mundo incerto das cidades.

Em 1993, um novo ciclo de discussão é aberto na região com a proposição da AS-PTA de dar início a um programa voltado para a promoção da sustentabilidade da agricultura familiar. Nesse momento foi criada a oportunidade para a realização de uma revisão crítica da trajetória do movimento social local que incorporou análises relacionadas ao modelo de agricultura dominante. Desde então, as organizações, que em 1995 se congregaram no Fórum das Organizações de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Centro-Sul do Paraná, vêm defendendo e promovendo um projeto de desenvolvimento rural fundamentado nos princípios da agroecologia.



Ao revalorizar as referências socioculturais camponesas, os processos de inovação agroecológica que se disseminaram em meio às comunidades rurais favoreceram a reorganização política das famílias do campo.

A exemplo dos preceitos da teologia da libertação, o ideário agroecológico também encontrou “terra boa” para germinar e se multiplicar na região. Ao revalorizar as referências socioculturais camponesas, os processos de inovação agroecológica que se disseminaram em meio às comunidades rurais favoreceram a reorganização política das famílias do campo. Ao mesmo tempo, ao associar a sabedoria popular ao saber científico, o enfoque agroecológico vem permitindo a crescente interação dos grupos de agricultores e agricultoras com pesquisadores de diversas instituições acadêmicas.

Por meio de abordagens participativas voltadas para a dinamização de processos sociais de inovação técnica e sócio-organizativa, se concretizou um amplo programa regional orientado para gerar e disseminar referências agroecológicas para o manejo dos agroecossistemas da região. Articulado pelo Fórum, o programa mobiliza agricultoras e agricultores, adultos e jovens, inseridos em dinâmicas permanentes de experimentação e de formação.

O manejo sustentado da agrobiodiversidade é um dos eixos temáticos que o programa estabelece. Um grupo regional de 120 agricultores-experimentadores dedicados a esse tema se reúne duas vezes ao ano para intercambiar suas experiências, aprofundar seus conhecimentos e avaliar e planejar as ações nos municípios. Com base na ação desse grupo, o programa está atualmente enraizado nos 22 municípios da região e mobiliza diretamente quatro mil famílias.

No âmbito estadual, duas outras iniciativas foram fundamentais na expansão desse movimento social de revalorização da agrobiodiversidade: as Romarias da Terra e a Jornada de Agroecologia.

Após alguns anos, o resultado mais visível é a mudança de percepção das próprias famílias agricultoras a respeito de suas variedades crioulas, que deixaram de ser semeadas apenas nas grotas, barrocas e roças de toco para assumirem um papel central na composição dos sistemas produtivos. Essa revalorização do patrimônio genético repassado através das gerações de agricultores da região resultou no resgate de 138 variedades de milho, 141 de feijão, 26 de arroz, 25 de mandioca e 12 de batatinha. Somam-se a estas, ampla diversidade de espécies de cereais de inverno, hortaliças, condimentos, frutíferas, plantas medicinais e ornamentais, além de raças crioulas de suínos e galinhas.

Além da multiplicação de sementes crioulas, que se faz de forma descentralizada pelas famílias e organizações comunitárias informais, os grupos de experimentadores articulados pelo Fórum implantam campos que produzem em média 300 toneladas por ano.

Muitas das variedades resgatadas vêm sendo pesquisadas sistematicamente por esses grupos através da caracterização fenotípica e de ensaios de avaliação agrônômica e degustativa. Uma parceria estabelecida em 1999 entre o Fórum, a AS-PTA e a Universidade Estadual de Londrina (UEL) possibilitou a incorporação de novos e fundamentais temas de pesquisa. Desde então, está em andamento um complexo programa de melhoramento participativo de variedades de milho crioulo, que inclui: a conservação das va-

riedades em campos de cultivos isolados e aplicação da seleção massal estratificada; o estabelecimento de campos de seleção recorrente de progênies de meios-irmãos com 24 variedades; a formação de novas variedades a partir de seis compostos; cruzamentos dialélicos; e estudos citogenéticos. Em 2003, por meio dessa parceria, foi inaugurado o Banco de Germoplasma Crioulo Paulo Rochinski, estrutura responsável pelo armazenamento de amostras das variedades visando assegurar o trabalho de conservação e de melhoramento (Tardin et al, 2004).

Em um encontro municipal de mulheres agricultoras, realizado em 1999 na comunidade Pinhalão, União da Vitória, foi concebida a idéia de criar uma Feira de Sementes Crioulas para favorecer o livre intercâmbio das variedades entre as famílias e comunidades. Desde então, as feiras municipais e regionais são realizadas anualmente, totalizando uma participação média de 12 mil pessoas. Frente ao seu grande potencial mobilizador, a metodologia das feiras de biodiversidade foi incorporada por movimentos e organizações atuantes em várias regiões do país.

No âmbito estadual, duas outras iniciativas foram fundamentais na expansão desse movimento social de revalorização da agrobiodiversidade: as Romarias da Terra e a Jornada de Agroecologia. As primeiras mobilizam multidões em torno de momentos de celebração, mística, festividade, troca de experiências e manifestação política. Três romarias foram organizadas pela CPT em conjunto com o Fórum e a

Foto: José Maria Tardin-ASPTA



Plenário da Jornada de Agroecologia - Ponta Grossa/PR



Família Rochinski - Inauguração do Banco de Genoplasma Crioulo "Paulo Rochinsk", UEL, Londrina/PR

AS-PTA. A primeira, em 1999, teve o tema *Produzir o alimento sagrado e viver em comunhão* e contou com 30 mil participantes. A segunda, em 2002, cujo tema foi *Juventude da roça: resistindo, semeando e recriando a vida*, envolveu 25 mil pessoas. Finalmente, em 2004, com o tema *Creio na semente, promessa de Deus patrimônio da gente*, 20 mil participantes celebraram as sementes crioulas. Feiras regionais de sementes crioulas também foram organizadas de forma integrada a essas duas últimas romarias.

Já a Jornada de Agroecologia é o resultado de ampla articulação de organizações do estado que atuam na luta pela terra e pela agroecologia. Iniciada em 2001, a Jornada passou a se responsabilizar pelas feiras estaduais. Em 2003, em área ocupada por famílias sem-terra onde a empresa norte-americana Monsanto desenvolvia experimentos ilegais com soja e milho transgênicos, as organizações da Jornada implantaram o Centro Chico Mendes de Agroecologia. Esse espaço passou a reforçar a conservação e a multiplicação de variedades crioulas e, já em 2004, produziu 10 toneladas de sementes que foram distribuídas no ato de encerramento de um evento estadual realizado pela Jornada.

Desde o gesto fundador de Acir Tullio, em 1993, esse movimento social se disseminou e vem espalhando suas sementes pelo Centro-Sul do Paraná. Ao mesmo tempo interage com numerosas organiza-

ções da agricultura familiar e de assessoria nos âmbitos estadual, nacional e internacional, associando-se à campanha mundial *Sementes: patrimônio dos povos a serviço da humanidade*, encampada pela Via Campesina Internacional.

A semente caiu em terra boa!

*José Maria Tardin e André Emílio Jantara:
técnicos da AS-PTA
asptapr@aspta.org.br

Rosângela Maria Pinto Moreira e
Josué Maldonado Ferreira:
professores doutores do Departamento de Biologia
Geral, CCB, Universidade Estadual de Londrina.
rosang@uel.br e josuemf@uel.br

Referências:

PETERSEN, P.; TARDIN, J. M.; MAROCHI, F. M. *Tradição (agri)cultural e inovação agroecológica – facetas complementares do desenvolvimento agrícola socialmente sustentado na região Centro-Sul do Paraná*. União da Vitória: AS-PTA, 2002.

TARDIN, J. M.; JANTARA, A. M.; MOREIRA, R. M. P.; FERREIRA, J. M. *A organização social dos agricultores da região Centro-Sul do Paraná em busca da autonomia, sustentabilidade e desenvolvimento da agricultura familiar*. União da Vitória - PR: AS-PTA, 2004.